



## **Sociabilidades e Direitos no Programa Morar Feliz de Campos dos Goytacazes, RJ**

### *Sociabilities and Rights in the Morar Feliz Program in Campos dos Goytacazes, RJ*

---

#### **Wania Amélia Belchior Mesquita**

Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Professora Associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: mesquita@uenf.br

#### **Braullio da Paz Fontes**

Graduando em Matemática pela Universidade Federal Fluminense (UFF / Consórcio CEDERJ). Bolsista do Programa Universidade Aberta na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) - projeto Sociabilidades e Direitos no Programa Morar Feliz de Campos dos Goytacazes-RJ. E-mail: fontesbrp@gmail.com

#### **Giullia Junqueira Pessanha**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF). Bolsista do Programa Universidade Aberta na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) - projeto Sociabilidades e Direitos no Programa Morar Feliz de Campos dos Goytacazes-RJ. E-mail: giulliajunqueira@gmail.com

#### **Thayna da Conceição Carvalhaes Justo**

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Bolsista de Extensão na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) - projeto Sociabilidades e Direitos no Programa Morar Feliz de Campos dos Goytacazes-RJ. E-mail: thaynacarvalhaes@yahoo.com.br

#### **Maura Simone da Silva Rodrigues**

Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: mssr.rodrigues@gmail.com

#### **Rosana de Fátima Rocha de Freitas**

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: rosanarochafreitas@gmail.com

---

### **Resumo**

O presente texto busca descrever as experiências dos bolsistas e profissionais envolvidos no Projeto de extensão “Sociabilidades e Direitos no Programa Morar Feliz de Campos dos Goytacazes – RJ”, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. As atividades desenvolvidas no Conjunto Residencial João Batista são voltadas ao público infantil. As atividades acontecem na área de uso comum do conjunto, promovendo a convivência das crianças e familiares no espaço. Além de descrever as atividades realizadas pelos bolsistas, o

trabalho busca apresentar uma análise do perfil socioeconômico das crianças e familiares e as mudanças ocorridas no espaço de uso comum do conjunto.

Palavras-chave: Sociabilidades. Direitos. Infância. Moradia. Campos dos Goytacazes.

### Abstract

This study describes the experience of scholarship holders and professionals involved in the Extension Project “Sociabilities and Rights in the Morar Feliz Program in Campos dos Goytacazes – RJ”, of the State University of the North Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. The actions developed at the João Batista Residential Complex are targeted to children. The activities take place in the outdoor external common use area of the complex, promoting interaction of children and families in the space. In addition to describing the activities, the paper presents an analysis of the socioeconomic profile of children and family members, as well as the changes that have occurred in that space.

Keywords: Sociabilities. Rights. Childhood. Home. Campos dos Goytacazes.

## I Introdução

O presente texto visa descrever as atividades realizadas no Projeto de Extensão “Sociabilidades e Direitos no Programa Morar Feliz de Campos dos Goytacazes-RJ”, desenvolvido no âmbito do Laboratório de Estudos da Sociedade Civil e do Estado (LESCE) do Centro de Ciências do Homem (CCH) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). A equipe de extensão atua junto ao Residencial João Batista, na localidade da Lapa, com o objetivo de estabelecer interações com moradores e conhecer as suas experiências cotidianas nos espaços de sociabilidades na localidade. Esse conjunto habitacional, composto por três blocos com 72 apartamentos, foi construído pela prefeitura após a extinção da favela “Inferno Verde”, existente até o ano de 2012. De acordo com Arruda (2014), os projetos habitacionais existentes em Campos dos Goytacazes não surgiram em decorrência de um planejamento estruturado, mas em função de situações emergenciais que exigiam soluções rápidas e, muitas vezes, de natureza política. O processo de remoção envolve, dentre outros aspectos, a concepção do agente de intervenção social no lugar de moradia estabelecido pela política pública de habitação, que apresenta ao morador uma definição das regras do uso do lugar, a ideia de saber preservar o espaço individual e coletivo, bem como a responsabilidade em custear os serviços de consumo de energia elétrica.

A equipe do projeto de extensão realizou no ano de 2017, uma aproximação com as famílias, moradoras da extinta favela “Inferno Verde” que aguardam a mudança de residência para o conjunto habitacional. Estabelecemos contatos com alguns moradores no bairro da Lapa e nessas ocasiões foram apresentados os objetivos e as ações do projeto, que possibilitou a construção de um diálogo sobre as suas expectativas e demandas por moradia, considerando os contextos vivenciados no processo de remoção, de moradia provisória e de ida para o conjunto habitacional.

Na ocasião da entrega dos apartamentos, em abril de 2018, a equipe intensificou as interações com base nas abordagens sobre a temática da moradia e os direitos dessas famílias, subsidiando o conhecimento a partir de suas sociabilidades. À época foram tematizadas as condições de vida dessas famílias, o acesso às informações, às políticas públicas existentes e, conseqüentemente, a equipe dialogou sobre a garantia de direitos sociais, tais como os benefícios sociais governamentais, de moradia, o serviço de saúde e as escolas públicas.

Os encontros realizados pela equipe integrante do projeto acontecem quinzenalmente aos sábados, para que dessa forma não haja interferência nos dias letivos das crianças. A participação de moradores nem sempre é regular, ocorrendo variações de idade e gênero, com idade de dois a 21 anos de idade aproximadamente. Nos encontros, a equipe do projeto trabalha com dinâmicas que visam promover a participação e a interação das crianças e jovens estimular o relacionamento interpessoal entre a equipe e os participantes.

## 2 Atividades realizadas e Metodologia aplicada

No decorrer do desenvolvimento do projeto de extensão no espaço de uso comum do conjunto habitacional, diversas técnicas e recursos são utilizados em oficinas que acontecem no local. Grande parte dos materiais são frutos de doações, de reutilização ou de reciclagem, que nos proporcionam o benefício de reaproveitar diversos objetos e, no diálogo com os moradores, ressaltamos, além das temáticas já descritas, também abordamos sobre a importância da reciclagem para a preservação de um meio ambiente mais sustentável. Com base nos objetivos traçados pela equipe, buscamos realizar atividades e brincadeiras recreativas em que as crianças e adolescentes puderam aprender por meio da interação lúdica. Nesse sentido, os moradores interagem entre si, com os materiais, correlacionando esses fazeres com o seu cotidiano.

Dentre essas ações temos como o principal recurso a mala de leitura, que visa propiciar às crianças e adolescentes o acesso aos livros através do empréstimo e das oficinas de leitura realizadas. Durante a contação de histórias, de forma dinâmica buscamos oferecer a eles e elas a capacidade de ampliar o seu vocabulário, intensificar a sua comunicação, a fim de estimular a oralidade de forma mais abrangente.

A leitura traz a descoberta de novas possibilidades que contribuem com o crescimento no dia a dia. Guidetti e Martinelli (2007), consideram a relevância da leitura pois, segundo elas, é por meio da leitura que a criança aprende e conhece o que é produzido historicamente, se

insere na sociedade letrada e se apropria de instrumentos para expressar seus sentimentos, ideias e emoções. Além disso, por meio da leitura, podem ter acesso às informações, ampliar o vocabulário, desenvolver a criticidade, potencializando, dessa forma, a busca por mais conhecimento. A leitura pode, também, contribuir para a formação de relações sociais e, no caso da criança, a leitura precisa ser ensinada ao passo que se explica o seu significado, para que esse aprendizado seja mais motivador. Assim, é conveniente que a criança fique atenta à leitura e construa um imaginário sobre ela, por meio da ludicidade, que envolve fantasia, curiosidade e diversão.

Outro recurso utilizado durante as atividades são os desenhos. Após a leitura das histórias, os participantes são instigados a delinear no papel toda a imaginação construída a partir das narrativas contadas. Os materiais disponibilizados são: papel, lápis, lápis de cor, e tinta. Por muitas vezes observamos que os desenhos retratados fogem das histórias contadas, remetendo muitas vezes ao seu cotidiano. Assim podemos falar que desenhar é registrar as suas vivências. De acordo com Moreira (1984, p. 20) o desenho é uma linguagem que comunica e registra sua fala, logo, também desenha para escrever, ou seja, “o desenho é sua primeira escrita”. Ao desenhar a criança cria o seu mundo, um jogo com ou sem comentários, cria cenários, personagens e situações, onde vive histórias e expõe seus sentimentos. Não é necessário pedir ou dizer para ela o que desenhar, ela o fará por vontade própria. De acordo com Paula (2007), o desenho é a manifestação de um “querer-dizer”.

Com decorrer do tempo observamos que as demandas começaram a mudar e a busca por atividades novas começou a surgir, sendo assim, as oficinas com a mala de leitura e os desenhos livres começaram a se tornar repetitivas. Começamos a introduzir novas propostas que foram muito bem aceitas pela comunidade. Integramos a oficina de gincanas e brincadeiras tradicionais onde são realizadas brincadeiras livres ou direcionadas como, corrida do saco, queimado, futebol, bolha de sabão, entre tantas outras. Os jovens e adolescentes se mostraram muito mais interessados e presentes nos encontros após essa mudança. As brincadeiras tradicionais vêm desaparecendo com o decorrer do tempo devido ao aumento da tecnologia e dos jogos virtuais, portanto, resgatar e até apresentar essas brincadeiras, contribuem para a socialização entre os moradores, estimula a colaboração entre os participantes. Piaget (1976) considera que os jogos e as atividades lúdicas tornam-se significativas à medida que a pessoa se desenvolve. Segundo o autor, com a livre manipulação de materiais variados, ela passa a reconstituir e reinventar as coisas, no que já existe, uma adaptação mais completa.

Levamos como proposta também, as festas e oficinas temáticas que acompanharam as datas comemorativas do calendário anual. Os moradores se mostraram tão animados com a proposta que a repetimos por diversas vezes. A título de exemplo, comemoramos com eles o dia das crianças. Nossa equipe se reuniu e conseguiu alugar um pula-pula para o momento de recreação, propiciando às crianças um momento especial na data destinada a elas. Nesse encontro realizamos também a distribuição de lanches para todos os moradores presentes durante a comemoração.

Outra oficina temática, igualmente importante para as atividades do projeto foi sobre o Setembro Amarelo<sup>1</sup> e o que essa mobilização simboliza. Organizamos uma roda de conversa, e dialogamos com as crianças e adolescentes a respeito das diferenças e o envolvimento no entendimento sobre preconceito e discriminação racial e a afirmação das expressões culturais negras. Os participantes também expressaram alguns entendimentos relacionados ao suicídio e o bullying. Ainda durante a atividade eles se mostraram extremamente interessados, relataram suas vivências com relação ao bullying na escola, expondo seus sofrimentos e experiências traumáticas, mediante aos apelidos e brincadeiras que os deixaram constrangidos. Ao final dessa oficina foi proposta uma dinâmica nomeada “árvore da vida”. Disponibilizamos palavras positivas e de incentivo e propusemos que eles escrevessem ou desenhassem atitudes que remetiam a momentos ou lembranças boas. Em seguida, esses papéis foram colados em uma representação de uma árvore cortada em compensado de madeira. Após essa exposição, dialogamos um pouco sobre a importância de cada palavra representada no momento. Às crianças foram disponibilizados papéis impressos com o símbolo (logo) da data representada e foi proposto que eles e elas pintassem ou fizessem colagem na imagem.

No planejamento dos encontros e atividades, buscamos mediar o processo criativo das crianças e adolescentes, estimulando o desenvolvimento do seu senso crítico, abrindo espaço para o diálogo e a escuta. Visamos também colaborar com a construção do olhar crítico como cidadão nos contextos de suas vivências cotidianas.

### 3 O Perfil e Condições Socioeconômicas das Crianças e seus Familiares

O projeto de extensão, apresentado nesse relato, nos proporciona experiências singulares, ao passo que, a cada encontro, nos deparamos com situações adversas e diversas que nos conduzem a fazer algumas mudanças nos roteiros programados. Nessa perspectiva, a interatividade que emerge da relação de confiança entre os moradores e a equipe do projeto, requer cuidados na condução das atividades a serem feitas. É um percurso que desafia a equipe do projeto, constantemente, pois faz-se necessário que tenhamos um plano B para manter uma regularidade nas atividades. Todavia, a equipe precisa ter a disponibilidade e a atenção de, algumas vezes, ~~acatar~~ acolher o que nos é sugerido para poder estabelecer um vínculo, quando nem o plano A e nem o plano B funcionam, ou seja, as atividades são construídas a partir de uma construção coletiva, a partir dos participantes e, não apenas, para os participantes.

Em linhas gerais, como recurso metodológico, nos baseamos na “Mala de Leitura” e através dela fazemos nossa base de aproximação com as crianças e os moradores do conjunto. As atividades são desenvolvidas no intuito de fazer uma leitura da realidade social, econômica e estrutural dos moradores. É um trabalho de observação, que requer da equipe do projeto um olhar mais atento

<sup>1</sup> O Setembro Amarelo é a campanha de prevenção ao suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP, criada no ano de 2014 junto ao Conselho Federal de Medicina - CFM. Disponível em: <<https://www.abp.org.br/setembro-amarelo>>. Acesso em 22 set. 2020.

aos acontecimentos, às conversas, às interpretações de uma história infantil, bem como aos passos, às falas, aos olhares e, até mesmo, ao silêncio que às vezes nos revela mais que as palavras.

É muito desafiador criar um vínculo quando não se está em território conhecido e/ou com conhecimento da amplitude de suas vivências. Temos que a cada encontro manter ou até mesmo reconquistar a confiança estabelecida. Trabalhamos com alguns percalços que nos direcionam para o (re)início, para uma nova conquista, um novo espaço, uma nova abordagem. Dentre os desafios, podemos mencionar um aspecto relacionado ao uso espaço, quando, aparentemente, acontece uma movimentação do tráfico de drogas mais intensa. Nesse caso, de acordo com relatos de alguns moradores que acompanham nossas atividades, quando isso ocorre, algumas crianças não descem para o espaço onde ocorrem as oficinas e atividades. Por vezes temos que mudar o local de atividade, embora permanecendo dentro da localidade, porque existe um grupo de moradores que está ocupando o espaço. Quando chove, não podemos realizar as atividades e essa condição nos limita por ser a que realmente nos deixa sem contato com os moradores, pois não existe uma área coberta para as realizações das atividades. Esses percalços nos desafiam a uma constante adaptação às situações, aos moradores e exige de nós uma compreensão ampliada acerca do cotidiano deles, para perceber suas dificuldades, seus desafios, expectativas e a realidade.

Apesar de o Residencial da Lapa estar localizado próximo da área central da cidade de Campos dos Goytacazes, seus moradores, principalmente os jovens, sofrem com a segregação espacial. De acordo com Villaça (2003), “a segregação é o tipo de exclusão social que apresenta dimensão espacial, neste sentido tem dimensão social e econômica”. Por serem moradores que residiram a favela “Inferno Verde”, que foi extinta dando lugar a moradia popular construída pela prefeitura, percebemos, em uma conversa com um adolescente, que ele sente dificuldade em falar sobre o lugar onde mora. Ele não gosta de falar que reside do “Residencial da Lapa” e sim “Condomínio”. Dessa maneira, segundo o adolescente, há uma busca pela desvinculação da favela como lugar de moradia<sup>2</sup>, por considerar que frequentemente os moradores sofrem com o preconceito e a discriminação. Os moradores de favela são associados diretamente aos traficantes, uma vez que, coabitando o mesmo espaço geográfico, são vistos como cúmplices do tráfico de drogas (MACHADO; LEITE, 2007).

Segundo Mesquita e Bertoli (2014, p. 69),

O medo por morar em favela é uma constante na vida destes jovens. Além das narrativas sobre suas vidas, dramas familiares, as preocupações com os filhos, com o futuro, trabalho e estudo, eles também revelam suas preocupações em relação a suas moradias, entendidas como um “lugar perigoso”. Ressaltam os receios por morar em favelas de Campos dos Goytacazes, como o medo de circular pela favela e pela cidade. Afirmam que seus locais de moradia (as favelas) são marcados por incertezas cotidianas.

Os jovens parecem ser os mais afetados, pois convivem com a discriminação racial, as incertezas, falta de oportunidade e são alvos constantes do tráfico. Em especial no Residencial da

<sup>2</sup> A tese de Renan Lubanco Assis (2016) apresenta uma profunda discussão sobre a moradia como símbolo de estigma na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ.

Lapa, os moradores relatam a presença do tráfico e uma constante convivência com essa situação que segundo eles, afeta a todos, principalmente, crianças e jovens, pois a área de lazer destinada a eles e elas também é ocupada por traficantes de drogas. Por ser um conjunto habitacional verticalizado, a área destinada ao lazer pode ser considerada maior em relação ao quintal da casa anterior. Conforme exposto, um dos objetivos do projeto é interagir de forma lúdica as crianças e adolescentes, através da “Mala de Leitura”, opções de lazer, como brincadeiras, jogos, entre outros a serem realizadas neste local. A sociabilidade dos e as crianças nessas atividades indicam para um mundo possível, diferente daquilo que eles veem de sua janela.

Uma das propostas do trabalho é fazer um perfil socioeconômico dos moradores, mas devido aos percalços já expostos ainda não foi possível fazê-lo. Mas alguns dados, de forma indireta e não oficial, com pequenas observações, indicam alguns elementos do perfil dos moradores. Um exemplo é atender aos critérios do Programa Morar Feliz da prefeitura de Campos dos Goytacazes, para a concessão da moradia, de acordo com o Decreto nº 55/2011 que diz que: 1º Famílias residentes em assentamentos irregulares ocupados em área de risco, devidamente comprovadas por laudo emitido pela Defesa Civil Municipal; 2º Famílias vulneráveis socialmente, comprovado através de relatório socioassistencial emitido por técnico da Secretária Municipal da Família e Assistência Social. O processo de análise socioassistencial é desenvolvido pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), firmando assim um perfil econômico de menor potencial. Outro fato que chama atenção é o de crianças e adolescentes com idades e séries avançadas não saberem nem ler e nem escrever, isso pode ser observado em algumas atividades de leitura. Em algumas situações de empréstimo dos livros, ao devolvê-los e serem indagados sobre a leitura/percepções, alguns participantes revelam que não sabem ler e não têm em casa uma pessoa que possa fazer a leitura para eles, porque também não sabem ler.

As situações vivenciadas por crianças e adolescentes do residencial da Lapa são marcadas por estigmas (GOFFMAN, [1891] 2004) da pobreza e refletem as profundas desigualdades sócio-espaciais e os processos de segregação existentes na da cidade de Campos dos Goytacazes.

#### **4 Os usos dos espaços do Conjunto residencial: os contextos de sociabilidades dos moradores**

O local onde são realizadas as atividades do projeto é o espaço definido pelos planejadores como de convivência do conjunto habitacional João Batista. Dotado de uma grande área descoberta com divisões paisagísticas simples de forração em grama, piso de concreto, bancos espaçados, quiosques cobertos com mesas de xadrez, quadra pequena de areia, espaços de circulação com sombra entre os blocos, e por conta com bicicletário na entrada. Essa área de convivência é utilizada de diversas formas pelos integrantes projeto de extensão, mesmo que, por vezes, as atividades sejam limitadas

por consequência das intempéries, o uso mais comum é a área gramada com bancos, onde é possível praticar atividades com mais conforto, de fácil acesso e visualização mais ampla do conjunto.

Como as atividades do projeto ocorrem nos finais de semana, pode-se visualizar famílias e vizinhos tecendo conversas e em momentos de brincadeiras com as crianças. Em seus relatos, alguns moradores advertem sobre a presença de traficantes de drogas que se apropriam e atuam da área planejada como de lazer e de uso comum. Mediante a essa situação, os pais / responsáveis restringem as crianças a saírem dos seus apartamentos somente para atividades supervisionadas pelos vizinhos, por desenvolvedores de projetos, como o que executamos e/ou junto aos familiares, visando, dessa forma, evitar contatos e encontros das crianças com traficantes de drogas no espaço aberto, coletivo. Mesmo sob a supervisão de pessoas que se adequam às recomendações expostas anteriormente, para além da presença de traficantes, os moradores também têm receio da abordagem da polícia no conjunto habitacional, pois temem serem confundidos com pessoas ligadas ao tráfico de drogas em alguma ação policial.

Os moradores sentem falta de equipamentos de lazer para crianças e adultos, plantio de árvores e outras vegetações, coberturas para uso da área externa mesmo em dias de chuva ou excesso de sol. No entanto, este espaço de uso dos moradores é fundamental no cotidiano e nas sociabilidades praticadas pelos moradores. Segundo relatos de alguns moradores, antes de viverem no conjunto e de terem que desocupar suas casas para a construção das novas moradias, algumas famílias viviam em casas de dois dormitórios, com quintal, outras em habitações sem tanta estrutura de divisão de cômodos, mas havia algumas casas onde era possível a manutenção de piscinas de plástico para lazer, sobretudo das crianças. Boa parte dos moradores tinha sua vida domiciliar restrita aos muros e paredes de suas casas. Aqueles que compartilhavam mais do cotidiano do lar o faziam porque dividiam as casas com familiares.

Os apartamentos concebidos para o conjunto habitacional são habitações em três formatos, como se sabe: dezesseis unidades com dois dormitórios; seis unidades com três dormitórios e duas unidades adaptadas para pessoas com deficiência nos térreos, configuração que se repete nos três blocos. Com a relocação dos moradores no conjunto, algumas unidades foram modificadas por necessidade de adequação de uso das famílias. Internamente, alguns moradores fizeram substituições de portas, modificações nas configurações internas das paredes, transformando, por exemplo, apartamentos de três quartos em apartamentos de dois quartos, com a ampliação de um deles. Algumas famílias instalaram grades de segurança nas portas de entrada e até mesmo grades nos corredores, isolando dois apartamentos cujos moradores têm algum grau de parentesco, além das pinturas refeitas, revestimentos de cerâmica incorporados, forros e rebaixamentos nos tetos, essas últimas mais estéticas. Na parte externa do conjunto, na maioria dos apartamentos foram instalados varais nas janelas para secar roupas e antenas de TV foram afixadas nas paredes externas. No espaço comum de circulação interna, além das grades já mencionadas, os moradores guardam bicicletas, plantas e outros objetos que antes ocupavam seus quintais. Isso também ocorre na área comum externa, que é repleta de plantas nas proximidades das portas dos blocos, onde os

moradores instalaram varais de chão nos fundos dos blocos 1 e 2. Há moradores que estendem suas roupas para secar nas grades externas que cercam a área do térreo do conjunto.

A dinâmica do tráfico de drogas e as possibilidades de incursões policiais interferem nos modos de usos dos espaços pelos moradores. Caixas de manutenção dos sistemas de energia e incêndio do conjunto são comumente utilizadas como esconderijo e/ou danificadas em seu uso ou em operações policiais de busca e apreensão. São muitas as situações que os moradores precisam contornar em relação a presença do tráfico de drogas e o uso do lugar, com muitas restrições e evitações, como deixarem de usar os vasos de plantas na área para decoração dos corredores, tendo em vista que são apropriados pelos traficantes para esconderijo e armazenamento de drogas.

Em seus cotidianos, os moradores, buscam contornar as situações de medo e insegurança geradas pela presença do tráfico de drogas e os estereótipos sobre o crime e o criminoso associado ao lugar onde residem, estigmas que alcançam os adultos, crianças e jovens, suas sociabilidades e os sentidos de pertencimento ao conjunto residencial.

## 5 Considerações Finais

Podemos considerar relevante a contribuição do nosso Projeto de Extensão “Sociabilidades e Direitos no Programa Morar Feliz de Campos dos Goytacazes - RJ”, no sentido de estabelecer diálogos com os moradores do conjunto Residencial da Lapa nas atividades do projeto “Mala de leitura”.

Neste sentido, a comunidade acadêmica se coloca como interlocutora do processo de descobertas e apropriação de saberes dos moradores do “Residencial da Lapa”, em um contexto de inseguranças cotidianas, onde crianças e adolescentes estão, em certa medida, subjugados a alguma restrição de uso e vivências do / no espaço em que vivem. Nessa direção, o projeto contribui para que esses moradores dialoguem sobre as vivências cotidianas e os direitos de cidadania da população residente no conjunto habitacional.

## Referências

ARRUDA, A. P. S. N. de. **Política habitacional e direito à cidade: a experiência do programa “Morar Feliz” em Campos dos Goytacazes – RJ.** Tese (Doutorado em Sociologia Política), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, RJ, 2014.

ASSIS, R. L. **Morador de Custodópolis e morador de Guarus: a moradia como um símbolo de estigma na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ.** Tese (Doutorado em Sociologia Política), Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro, RJ, 2016.

CAMPOS DOS GOYTACAZES, **Decreto Municipal** n. 055/2011 de 28 de fevereiro de 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, [1891]2014.

GUIDETTI, A. A; MARTINELLI, S. C. Compreensão em leitura e desempenho em escrita de crianças do ensino fundamental. **Psic** . São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-184, 2007

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho**: a educação do educador. São Paulo: Loyola, 1984  
MACHADO DA SILVA, L. A. e LEITE, M. P. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 545-591, set./dez. 2007.

MESQUITA, W. A. B.; BERTOLI, N. de F. Jovens evangélicos moradores de favelas: algumas expressões de sua sociabilidade na cidade de Campos do Goytacazes – RJ. **[SYN]THESIS**, Rio de Janeiro, v. 7, nº 1, 2014, p. 63 – 74.

PAVIANI, Aldo. Brasília, a Metrópole em Crise: Ensaio Sobre Urbanização. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989.

PAULA, A. de. Considerações sobre o desenho e a escrita no processo de aquisição da escrita: uma análise de dados longitudinais. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 2007.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

VILLAÇA, F. J. M. A segregação urbana e a justiça (ou A Justiça no Injusto Espaço Urbano). **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. São Paulo, ano 11, n. 4, 2003, p. 341 – 346.